



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



CAMILA RODRIGUES CHAVES

AS LÁGRIMAS DE ELIZE
UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE DOCUMENTAL DO NETFLIX:
ELIZE MATSUNAGA - ERA UMA VEZ UM CRIME

Mariana - MG
2024

CAMILA RODRIGUES CHAVES

AS LÁGRIMAS DE ELIZE
UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE DOCUMENTAL DO NETFLIX:
ELIZE MATSUNAGA - ERA UMA VEZ UM CRIME

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Orientador: Prof. Ricardo Augusto Orlando

Mariana - MG
2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C512l Chaves, Camila Rodrigues.
As lágrimas de Elize [manuscrito]: um estudo sobre a série documental do Netflix: Elize Matsunaga - Era uma vez um crime. / Camila Rodrigues Chaves. - 2024.
47 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Matsunaga, Elize, 1981. 2. Choro. 3. Documentário (Cinema). 4. Imagem corporal no cinema. 5. Investigação criminal. 6. Webséries. I. Orlando, Ricardo Augusto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 791.229.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Camila Rodrigues Chaves

**As lágrimas de Elize: um estudo sobre a série documental do Netflix,
Elize Matsunaga - Era Uma Vez um Crime**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em 23 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Ricardo Augusto Orlando, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 14/07/2025



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/07/2025, às 19:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0948133** e o código CRC **0B368642**.

RESUMO

A monografia analisa a série documental produzida pela Netflix, *Elize Matsunaga - Era uma vez um crime*, que trata de um dos casos criminais mais chocantes da história recente do Brasil: o assassinato de Marcos Matsunaga, marido de Elize. O objetivo é entender, com base na teoria do enquadramento – e a partir também da problematização de questões como a relação entre mídia e crime –, como a construção narrativa da minissérie pode influenciar na maneira como o caso é apresentado ao público. Para realizar a análise, foram escolhidas as sequências em que Elize aparece chorando, uma situação marcante e recorrente na série. A partir delas, e com apoio de estudos do documentário, buscamos verificar como se constroi uma visão de Elize ao narrar detalhes sobre a vida e o sobre o relacionamento dela com a vítima. Ao final do percurso, com base nas sequências analisadas, é possível depreender que a série permite uma visão humanizada, simpática à protagonista.

Palavras-chave: Caso Yoki; Enquadramento; Elize Matsunaga; Série Documental; Choro;

ABSTRACT

The monograph analyzes the documentary series produced by Netflix, *Elize Matsunaga – Once Upon a Crime*, which deals with one of the most shocking criminal cases in recent Brazilian history: the murder of Marcos Matsunaga, Elize's husband. The objective is to understand, based on framing theory—and also through the problematization of issues such as the relationship between media and crime—how the narrative construction of the miniseries can influence the way the case is presented to the public. To conduct the analysis, the sequences in which Elize appears crying were selected, a striking and recurring situation in the series. From these scenes, and supported by documentary studies, we sought to examine how a particular view of Elize is constructed by narrating details about her life and her relationship with the victim. At the end of the process, based on the sequences analyzed, it is possible to infer that the series offers a humanized and sympathetic portrayal of the protagonist.

Keywords: Yoki Case; Framing; Elize Matsunaga; Documentary series; Crying.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CRIME E MÍDIA.....	9
2.2. Mídia, gênero e crime.....	10
3. O ENQUADRAMENTO MUDIÁTICO.....	14
3.1 Enquadramento e audiovisual.....	19
4. CASO YOKI.....	26
4.1. Elize Matsunaga - Era uma vez um crime.....	26
5. ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
7. REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

As plataformas de *streaming*, serviço que possibilita a transmissão de conteúdos pela internet, estão cada vez mais presentes na vida diária das pessoas em todo o mundo. Com inúmeras opções, algumas delas são disponibilizadas de maneira gratuita, enquanto outras são contratadas por meio de assinatura. Uma dessas plataformas é a Netflix¹, serviço de streaming entre os mais utilizados no Brasil, acumulando uma média mensal de 50 milhões de assinantes, de acordo com o site Mundo Conectado (CARBONE, 2023). Segundo o site Olhar Digital, em julho de 2022, os aplicativos de *streaming* foram capazes de superar as horas de TV a cabo assistidas nos Estados Unidos.

Levando esse grande alcance das plataformas de *streaming* em conta, este trabalho pesquisa um documentário que trata de um dos mais famosos casos de assassinato que já ocorreram no Brasil – ao menos em um passado recente: o Caso Yoki. Elize Araújo Kitano Matsunaga, em 2012, matou e esquartejou o próprio marido, Marcos Matsunaga, herdeiro da empresa Yoki². Para o estudo, foi feita uma análise da minissérie documental “Elize Matsunaga - Era uma vez um crime”³, disponível no canal Netflix, tendo como principal apoio os estudos de enquadramento, bastante difundidos no campo do jornalismo, e muito úteis para análises de comunicação em geral.

Por se tratar de um crime de gênero, que foge em parte das expectativas que a sociedade coloca sobre as mulheres, a motivação do assassinato foi capaz de dividir a opinião das pessoas. Ao mesmo tempo que uns citam o termo “crime passional” ao falar sobre a morte de Marcos, acreditando que Elize sofreu muito no relacionamento e sua atitude teria sido para se defender, outros a julgam como uma assassina fria, que premeditou o crime. Como aparece no documentário, o promotor do caso, José Carlos Cosenzo, a qualificava como interesseira, alguém que foi capaz de matar para ficar com o dinheiro do falecido marido. Enquanto isso, a jornalista Thais Nunes e o advogado Luciano Santoro são algumas das pessoas que discordaram dessa opinião do promotor, afirmando que, se o interesse de Elize era dinheiro, ela jamais mataria o responsável por fornecer isso a ela.

¹ <https://www.netflix.com/>

² A empresa Yoki pertencia à família de Marcos e estava, na época do assassinato, em fase de negociação para venda.

³ ELIZE Matsunaga: Era uma vez um crime. Direção: Eliza Capai. Brasil: Boutique Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix, em 4 episódios

Dessa forma, esta monografia, escrita como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo da UFOP, começa por discutir um pouco da relação entre *crime, mídia e gênero*. Na sequência, traz aspectos do debate sobre *teoria do enquadramento e enquadramento no audiovisual*. O *Caso Yoki* e o documentário são tratados no capítulo 4, dando detalhes da construção de cada episódio. Em seguida, apresenta-se uma *análise* da produção com base nas pesquisas, textos e conceitos que nos serviram de base .

O estudo desse caso torna-se interessante devido ao grande alcance que ele teve desde seu acontecimento até hoje. Elize Matsunaga já foi tema de alguns trabalhos realizados por estudantes de diferentes cursos como: Comunicação Social, Direito e Sociologia. Sempre muito comentado pela mídia, em 2021 se tornou o foco dessa minissérie documental. O documentário também se torna mais interessante, mesmo tendo sido lançado quase uma década depois do assassinato, devido ao fato de que foi a primeira entrevista dada por Elize. Ela, que foi presa em junho de 2012, se escondeu das câmeras e perguntas de jornalistas por muitos anos, mas resolveu acabar com o silêncio aceitando o convite para essa produção.

Outro motivo pelo qual o documentário foi escolhido para ser o objeto de estudo dessa pesquisa é para que pessoas que, assim como eu, são amantes de séries de investigação e que buscam ter maior conhecimento a respeito de certas práticas jornalísticas, como o enquadramento, neste caso no audiovisual, se sintam interessadas e representadas. Essa pesquisa busca contribuir na aplicação de conceitos e procedimentos, ajudando quem se interessa pelo assunto.

Tendo isso em mente, o intuito da pesquisa foi observar as narrativas nos quatro episódios e verificar os modos de enquadramento de Elize, selecionado especialmente as cenas em que ela se encontrava chorando ou quase, emotiva ao retratar seu passado com Marcos e o triste fim do seu relacionamento.

Os interesses da pesquisa podem ser resumidos, então, em tentar compreender algumas questões: Em algum momento do documentário é possível perceber e julgar Elize como uma vítima da situação? Em quantas sequências Elize aparece chorando? Era mesmo necessário mostrar tantas imagens em que ela estivesse tão fragilizada? O documentário tende a aproximar o espectador da vítima e o fazer sentir pena de Elize? Em caso afirmativo, isso foi intencional?

Todas essas questões serão discutidas no decorrer da monografia.

2. CRIME E MÍDIA

Segundo Ana Lúcia Menezes Vieira:

A mídia, utilizando-se de uma linguagem livre, por meio de textos (palavra escrita), entrevistas, debates (palavra falada), imagens televisivas ou fotografadas, muito diversa da forma erudita utilizada pelos profissionais de direito, torna visível a Justiça, tem o importante papel de decodificá-la, fazê-la compreensível, pois não basta que se veja e conheça a justiça, é preciso compreendê-la. (VIEIRA, 2003, p. 104)

Observando e analisando a afirmação de Vieira (2003), é possível concluir que a mídia televisiva, por exemplo, possui um papel fundamental na cobertura de crimes, uma vez que seria capaz de explicar à sociedade, de maneira mais clara e menos formal, os acontecimentos ligados à Justiça.

Porém, justamente com esse pensamento, encontram-se algumas desavenças entre os dois termos, percebendo que a mídia, dessa forma, possui certa influência sobre o público. Mesmo que essa influência não seja suficiente para orientar o juiz, em alguns casos ela é capaz de pressioná-lo para que o clamor público seja atendido, como afirma Barbosa (2019). Segundo ela, de acordo com Schreiber⁴,

Devido a esta grande influência exercida pela mídia sobre as decisões tomadas pelo Poder Judiciário, originou, nos Estados Unidos, a expressão “trial by media”, que consiste nesse prejulgamento realizado pela imprensa, por suas manifestações. Nestas, formulam-se juízos de valor a respeito dos fatos, de um lado sustentando a culpa do acusado e defendendo sua rápida condenação e, de outro, criticando a forma permissiva e leniente como a justiça conduz o caso. (SCHREIBER *apud* BARBOSA, 2019, p.15).

De acordo com Mello (2010) é fácil notar a manipulação exercida pelos meios de comunicação quando um crime vira notícia. Isso porque, dentre inúmeros casos que acontecem no país diariamente, a mídia escolheria um e o transformaria em um acontecimento nacionalmente conhecido.

⁴ SCHREIBER, Simone. **A publicidade opressiva dos julgamentos criminais**. Rio de Janeiro. Editora Renovar, 2010

As cenas do crime se repetem incessantemente; imediatamente o até então suspeito é feito autor do delito; tem sua imagem revelada; seu perfil é estereotipado; sua privacidade é invadida; tudo é notícia: para onde vai, de onde veio, quando saiu, o que comeu e até mesmo quem são seus familiares e amigos. O circo está armado e vai começar o espetáculo; o palhaço entrou em cena e o público é “sutilmente” convidado a participar do show. (MELLO, 2003, p. 107)

De acordo com Vargas Llosa (2013), a sociedade atual vive em busca de entretenimento, por isso as notícias sobre crime são construídas da maneira como são. Esse conceito, de acordo com ele, é chamado de *civilização do espetáculo* e foi o jornalismo atual, com suas prioridades a assuntos chocantes ou de entretenimento puro e simples, que ajudou a moldar essa sociedade. Silva (2017) expõe os pensamentos de Debord⁵ e Traquina⁶ e é possível observar que ambos possuem ideia semelhante à de Vargas Llosa a respeito da necessidade da sociedade por um entretenimento que pode transformar as produções em mercadorias.

Hoje, compra-se e vende-se informação com o principal objetivo de obter lucros. A informação não mais se move em função das regras de informação, nas quais a verdade é o mais importante, mas se movimenta em função das exigências do comércio e da concorrência do mercado, que fazem do ganho, ou do interesse, seu imperativo supremo. (MORAES⁷ *apud* MELLO, 2014, p.3).

Dessa forma, segundo os autores, o jornalismo teria deixado de ter como foco o dizer a verdade para entregar o que querem ouvir, se tornando uma fonte de entretenimento.

2.2. Mídia, gênero e crime

De acordo com o site *Fundação Verde Herbert Daniel* (CARDOSO, 2023), o conceito de gênero surgiu nas décadas de 1960 e 1970 e foi formulado pelo movimento feminista baseado no significado de feminino e masculino. Sendo assim, o termo se tornou uma maneira de indicar as criações da sociedade sobre os papéis que cabem aos homens e mulheres.

Para iniciar o entendimento acerca de como a mídia aborda os diferentes gêneros ao se tratar de crimes, é necessário falar sobre mulheres no sistema carcerário. Segundo o Jornal da USP, “o Brasil apresenta a terceira maior população carcerária feminina do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da China, com cerca de 40 mil mulheres encarceradas”

⁵ DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

⁶ TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Insular, Florianópolis, 2004.

⁷ MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

(GALVÃO 2023). Desse total, de acordo com o *Instituto Terra, Trabalho e Cidadania*⁸ (ITTC) o número de mulheres encarceradas que correspondem a crimes de homicídio gira em torno de 6%. Mas por que as mulheres matam? De acordo com Almeida (2000, p.244), principalmente se tratando de crimes entre mulheres e maridos ou seus companheiros afetivos, esse desejo de matar une dois aspectos: a liberdade e a vingança. Logo, essa vontade de buscar uma vida diferente, de se impor e ver a saída permanente daquele que humilhava, maltratava e traía, dá a coragem necessária para cometer o crime. Segundo a autora do livro “*Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino*”:

Estas mulheres quietas, caladas, permanecem confinadas no lar, mas, quando não suportam mais essa situação, surge o momento de enfrentar. Elas criaram uma forma violenta de fazer isso, extrapolando a instituição da figura feminina de esposa para a figura violenta, sanguinária. Adentraram o espaço público, foram vistas, ouvidas, julgadas e condenadas. Mesmo através da criação imaginária negativa do crime, impuseram uma nova forma de ser mulher. (ALMEIDA, p.245.)

Ainda segundo Almeida (p.241), a sociedade impõe que as mulheres devem seguir um modelo de feminino, que foram construídas socialmente para serem vítimas, esposas, mães e donas de casa. Já os homens são preparados para dominar, para ser viris e participar do espaço público a partir de sua utilidade social no mundo do trabalho.

Dessa forma, as mulheres que se encontram nessas situações e querem deixar de sofrer abusos por parte do companheiro, enxergam no matar uma solução permanente para os seus problemas, uma forma de ir em contra os padrões criados pela sociedade, saindo de uma “mulher pacata e dominada pelo homem para a condição de autora da própria ação, buscando transformar a sua vida”, de acordo com Almeida (2000, p.50). Para Lemgruber⁹ (*apud* França, 2020, p.248), “dependendo do contexto em que estiver inserida e de sua predisposição ao crime, masculinizada ou movida pela paixão, a mulher poderá construir irreversivelmente um perfil de criminosa”. Nesse contexto de submissão aos homens, algumas mulheres estão sujeitas a matar em casos de revolta ou ciúmes, seja para se vingarem ou se libertarem dos companheiros.

Essa situação se assemelha com o que foi contado por Elize na série documental sobre sua relação com Marcos, já que ela afirma que sofria ameaças constantes de um homem que a

⁸

[http://mulheresemprisao.org.br/quem/#:~:text=Todas%20elas%20est%C3%A3o%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o,Depen%20\(Departamento%20Penitenci%C3%A1rio%20Nacional\).](http://mulheresemprisao.org.br/quem/#:~:text=Todas%20elas%20est%C3%A3o%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o,Depen%20(Departamento%20Penitenci%C3%A1rio%20Nacional).)

⁹ LEMGRUBER, Julita. **Cemitério dos vivos**: análise sociológica de uma prisão de mulheres. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1999.

julgava fraca e incapaz de fazer alguma coisa contra ele. Além disso, ainda tinha que aguentar isso tudo de um homem que a traía.

De acordo Mariana Silva (2017), Jewkes definiu oito narrativas-padrão usadas pela mídia para construir a imagem de mulheres que cometem crimes graves: sexualidade e desvio sexual; atração física; más esposas; más mães; monstros mitológicos; vacas loucas; manipuladoras do mal; e não agentes.

Segundo ela,

Essas narrativas frequentemente mantêm aspectos do envolvimento da mulher no crime escondidos ou parcialmente representados, permitindo que o público faça suas próprias presunções, a partir de elementos culturais, para preencher as lacunas da maneira que preferirem. De maneira geral, gera-se uma imagem da mulher como passiva e instável, sem atitudes morais e incapaz de agir como um adulto (SILVA, 2004, p.113).

França (2020) afirma que, segundo Soares e Ilgenfritz¹⁰ (2002), crimes cometidos por mulheres se restringiam aos espaços domésticos¹¹. Essa abordagem faz sentido observando que, por muito tempo, a mulher era destinada a cuidar da família e do lar, sendo, na maioria das vezes, o marido quem vivia fora de casa. A imagem da mulher construída nesses moldes a deixaria sujeita a cometer a maior parte dos seus crimes nesse contexto, dentro de casa.

De acordo com Carvalhaes, Toneli & Mansano (2018), cada vez mais as notícias sobre mulheres que cometeram crimes ganham destaque na mídia, que procura enfatizar o aumento dessa participação. Além disso, a maneira como essas mulheres são enunciadas pela mídia contribui para a normalização de ideias conservadoras de feminilidade.

a mídia faz circular determinadas “verdades” sobre o envolvimento de mulheres na criminalidade, correlacionadas a premissas individualizantes de necessidade vital, desajuste emocional, futilidade e desonestidade, entre outros enunciados que operam na correlação entre crime, feminilidade e desvio e, conseqüentemente, na afirmação de que existe um modo “normal” e “adequado” de ser mulher, descrito de maneira detalhada no estudo de Butler¹² (CARVALHAES, TONELI & MANSANO, 2018, p.4).

Silva (2017) expõe, na conclusão de seu capítulo, que são dois os tipos de crimes pelos quais as mulheres não são vistas como simplesmente más: homicídio de esposo, que elas podem ser consideradas como quem teve que se defender de um companheiro abusivo, e

¹⁰ SOARES, Bárbara M.; ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras: Vida e Violência Atrás das Grades**. Rio de Janeiro, Ed. Garamond Ltda., 2002.

¹¹ O estudo realizado por França não considerou a situação socioeconômica e racial das mulheres para fazer essa afirmação.

¹² BUTLER, J. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

infanticídio, em que a mulher pode ser vista como uma mistura de má e triste. Nos dois casos a mulher pode ser interpretada como vítima.

No entanto, nota-se que as respostas da mídia e do público para mulheres infratoras são mais exacerbadas do que aquelas direcionadas aos homens. A violência é vista como um dos comportamentos possíveis para o homem, o que normaliza a infração de uma maneira impossível para as mulheres (SILVA, 2017, p. 60).

É como se, independentemente da motivação ou se o crime foi cometido pela mulher sozinha ou juntamente com um homem, só por tratar de alguém do sexo feminino, já recebesse mais atenção da mídia, por ser considerada como “diferente”, alguém que normalmente não seria responsável por um crime. As pessoas ainda acham que a mulher não é tão capaz de cometer crimes quanto o homem, e quando isso acontece, se sentem surpreendidas.

3. O ENQUADRAMENTO MUDIÁTICO

Para começar a falar sobre enquadramento, acredito que haja a necessidade de, primeiramente, reforçar o papel da *notícia* e da *mídia* em si. Notícias são informações importantes que apresentam um acontecimento novo e recente ou que informam uma novidade a respeito de uma situação já existente. Devem ser de interesse público e são disseminadas pelos meios de comunicação, a mídia. A mídia atua para informar o público sobre essas notícias, definir os temas a serem discutidos, expor ideias e ser capaz de formar opiniões. A notícia pode chegar até o público por meio de jornais impressos, audiovisuais, radiofônicos, internet, entre outros.

A teoria do enquadramento (*framing theory*) procura explicar motivações e modos pelos quais, em determinados momentos, a produção informativa foca sua atenção em certos aspectos da realidade e não em outros. O enquadramento das informações é capaz de influir sobre o pensamento e a interpretação, contribuindo para que determinada situação seja vista de uma maneira específica. A análise de enquadramento das notícias permite mostrar em que ponto estão os destaques, as ênfases, quais são os limites dessa informação e quais significados são dados aos diferentes temas. Como lembra Porto (2004, p.77), “ainda não existe, portanto, uma definição consensual sobre o que sejam os enquadramentos da mídia. É possível, todavia, identificar seus aspectos principais através dos estudos já realizados.”

Segundo ele, Todd Gitlin¹³ foi quem apresentou a primeira explicação mais clara a respeito do conceito de enquadramento:

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GITLIN *apud* PORTO, 2004, p.80)

É possível observar esse significado de enquadramento até mesmo em conversas simples do nosso cotidiano, ao apresentar situações que instantaneamente já vêm acompanhadas de algo que incorpora a opinião de quem conta, como “é mentira” ou “é verdade”. Dessa forma, automaticamente, já foi definido o enquadramento dessa informação e isso vai direcionar a interpretação de quem recebe a mensagem.

¹³ GITLIN, Todd. **The whole world is watching**. Berkeley: University of California Press, 1980.

De acordo com Porto (2004), na obra *Frame analysis*, Erving Goffman¹⁴ explica “enquadramentos como os princípios de organização das nossas experiências nestes eventos”. Segundo ele, tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: “O que está ocorrendo aqui?”. Eles representam não só a maneira como interpretamos as situações, mas também como interagimos uns com os outros, estruturando a nossa experiência da realidade.

Basicamente, trata-se do processo em que é dada prioridade a certas informações, moldando a forma como a realidade será construída, e, conseqüentemente, interferindo no modo como ela será compreendida pelo público. Sendo assim, enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso por meio de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão), capazes de eleger e direcionar uma determinada interpretação para os fatos. Segundo Porto (2004), Entman¹⁵ resume seus principais aspectos:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN *apud* PORTO, 2004, p. 82)

Enquadrar é ressaltar certas partes de um texto, por exemplo, tornando-as mais visíveis, enquanto, ao mesmo tempo, isso reduz a atenção de outras. Desse modo, “os enquadramentos de notícias são construídos por palavras, metáforas, conceitos, símbolos, ironias, imagens visuais, insinuações e sugestões da narrativa noticiosa” (SOARES, 2015, p.3). Palavras-chave são termos compostos por uma ou mais palavras capazes de resumir o assunto tratado em algum conteúdo. Metáforas são figuras de linguagem responsáveis por fazer comparações implícitas. O modo como esses aspectos são construídos, por exemplo, utilizando repetição de palavras para chamar a atenção para algo, remeteria ao enquadramento estabelecido.

De acordo com Antunes (2009), Anabela Carvalho¹⁶ distingue três abordagens gerais para caracterizar os *frames*. Primeiramente, tratá-los como modalidades em que os próprios sujeitos definem suas compreensões do mundo, de acordo com suas experiências sociais. Em um segundo plano, eles são denominados de acordo com sua estrutura, organizando a

¹⁴ GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

¹⁵ ENTMAN, Robert. **Framing: toward clarification of a fractured paradigm**. In: Levy, M.; Gurevitch, M. (Ed.). *Defining media studies*. New York: Oxford University Press, 1994.

¹⁶ CARVALHO, Anabela. *Discourse Analysis and Media Texts: a Critical Reading of Analytical Tools*. In: **International Conference on Logic and Methodology**. Colônia: International Sociology Association, 2000.

interpretação de acordo com os elementos que serão destacados. E, por fim, como uma ideia de representações sociais, modelos sócio-culturais que organizam formas de pensamento sobre o mundo. Com isso, surge o sentido de que os enquadramentos podem operar em lugares e com papéis distintos. Nessa análise, dois conceitos devem ser observados: o momento da construção (*frame-building*) e o momento de “ajuste” (*frame-setting*).

O *building* tem a ver com os fatores internos e estruturais dos enquadramentos, que são capazes de influenciar nas concepções e entendimentos da comunidade profissional, e os fatores externos que dizem respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais. Esses dois fatores, internos e externos, estão fundamentalmente presentes no texto da notícia.

Já o *setting* diz respeito à interpretação e avaliação das notícias acionadas pelos agentes sociais. “Nos termos de Charaudeau¹⁷ (2006), seria o saber compartilhado pelos interlocutores, distinguidos em saberes de conhecimento – fundados em uma representação racionalizada dos fenômenos do mundo – e os saberes de crença – apoiados em juízos que fabricam normas de referência para a ação no mundo” (ANTUNES, 2009, p.88).

Como uma forma de melhorar o desenvolvimento a respeito do conceito de *framing*, Antunes lembra que Dietram Scheufele¹⁸, De Vreese¹⁹ e Bertram Scheufele²⁰ “apontam a pertinência da distinção entre *frames* dos meios e *frames* das audiências, sendo o primeiro dizendo respeito aos atributos das notícias e o segundo às modalidades de operação cognitiva no campo da audiência” (ANTUNES, 2009, p.91). Dessa forma, um trata dos aspectos que se referem à realidade e o outro avalia os efeitos cognitivos provocados pela ação da mídia, respectivamente.

Basicamente, no primeiro caso discutimos como a notícia é apresentada e, no segundo, a forma como o público lida com ela e a compreende.

Porto (2004), no capítulo *Enquadramentos da mídia e política*²¹ do livro *Comunicação e Política - Conceitos e Abordagens*, apresenta algumas sugestões didáticas mostrando o

¹⁷ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006

¹⁸ SCHEUFELE, Dietram A. **Framing as a theory of media effects**. Journal of Communication, New York, v.49, n.1, pp.103-120. (1999)

¹⁹ DE VREESE, Claes H. **News framing: Theory and typology**. Information Design Journal, v.13, n.1, pp.51-62. (2005)

²⁰ SCHEUFELE, Bertram. **Frames, schemata, and news reporting**. Communications, v.31, n.1, pp.65-83. (2006)

²¹ PORTO, Mauro P. *Enquadramentos da mídia e política*. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

passo a passo que deve ser tomado por pesquisadores para aprimorarem os estudos a respeito de enquadramento. Seguindo aqui suas indicações (PORTO, 2004, p.90-97):

a) “*Primeiro passo*: especifique os níveis de análise do conceito”

São tantos conceitos e significados distintos destinados ao enquadramento que alguns autores concluem que não é possível construir uma teoria única e coerente. “Para esclarecer o conceito, é preciso especificar os diferentes níveis de análise e, como consequência, definir mais claramente os diversos tipos de enquadramento” (PORTO, 2004, p. 90). Com isso, o primeiro passo consiste em definir em que se está trabalhando: *enquadramento noticioso* (padrões de apresentação, seleção e ênfases utilizados por jornalistas para organizar seus relatos) ou *enquadramento interpretativo* (são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas, promovidas por atores sociais diversos). Porém, não necessariamente, os pesquisadores precisam trabalhar nos dois níveis simultaneamente.

b) “*Segundo passo*: identifique as principais controvérsias e os enquadramentos a elas relacionados”

O conceito de enquadramento permite ressaltar como as controvérsias das notícias se desenvolvem, não por meio da apresentação de “fatos” ou “informação”, mas sim por “interpretações que são utilizadas para avaliar estes eventos ou temas políticos” (PORTO, 2004, p. 93). O pesquisador deve analisar não só os enquadramentos dominantes ou de grupos influentes, mas também incluir as interpretações promovidas por movimentos sociais ou de oposição, inclusive aquelas que são excluídas pela mídia. Dessa maneira, o entendimento será mais fácil e todos os enquadramentos possíveis a respeito daquela notícia serão explorados.

c) “*Terceiro passo*: desenvolva uma análise sistemática de conteúdo” (PORTO, 2004, p.95)

Outra fragilidade dos estudos de enquadramento é a ausência de métodos sistemáticos para analisar os conteúdos da mídia. Sem este tipo de método, pesquisadores tendem a encontrar os enquadramentos que procuram ou que comprovam suas hipóteses, ignorando evidências contrárias importantes. O autor afirma que

“a melhor solução é adotar um enfoque integrado que inclua tanto uma análise de conteúdo quantitativa, como uma análise textual de cunho mais qualitativo. É preciso ainda avançar na superação de outra debilidade dos estudos sobre os enquadramentos da mídia, já que estes estudos tendem a identificar um único enquadramento nas notícias e têm dificuldades para enfrentar o fato de que o conteúdo da mídia tem um caráter frequentemente contraditório.” (PORTO, 2004, p. 96).

Soares (2006), com o objetivo de exemplificar a realização da análise de enquadramento de textos noticiosos, resumiu o estudo realizado por Entman (1991) a respeito das coberturas noticiosas norte-americanas sobre dois acontecimentos muito semelhantes: o caso do abate do avião coreano da Korean Air Lines (KAL), que foi alvo de um míssil soviético em 1 de setembro de 1993 (com 269 passageiros a bordo); e do avião iraniano da Iran Air, com 290 passageiros, derrubado por um míssil disparado de um barco de guerra norte-americano, em 3 de julho de 1988. Segundo ele, “nos dois casos, os aviões de passageiros foram identificados como possíveis alvos hostis por oficiais militares, mas a diferença é que, enquanto a Coreia é um país aliado dos Estados Unidos, o Irã é um inimigo político” (SOARES, 2006, p. 9).

Para ser capaz de realizar essa análise detalhadamente, Murilo Soares (2015) afirma que Entman examinou matérias de jornais, revistas e telejornais que tratavam os incidentes, observando os enquadramentos noticiosos que foram empregados. Imediatamente, é possível perceber os diferentes enquadramentos que foram dados nas duas situações. Como isso foi feito? Segundo ele, é necessário apenas observar o contraste entre as escolhas textuais das reportagens, que ampliam ou reduzem elementos da realidade retratada, para fazê-los mais ou menos salientes. Em termos de maior visibilidade dos casos, a derrubada do avião coreano foi mais amplificada e ocupou duas vezes mais páginas de revistas, sendo configurada como a maior (SOARES, 2006).

Como conta Soares (2006, p.10), “Entman focalizou quatro aspectos do texto, por meio dos quais se criou o enquadramento moral ou técnico dos episódios: autoria (*agency*); identificação com as vítimas; categorização do ato; generalização do ato.” A autoria tem a ver com quem causou aquilo, quem foi o responsável. O enquadramento dado à tragédia que aconteceu com o avião da KAL era de que o governo tinha agido conscientemente, como um ato de violência. Tanto que nas manchetes que existiam sobre o acontecimento, títulos como “Assassinato no ar. Uma cruel emboscada no céu” ou “Atirando para matar. Soviéticos destroem avião de passageiros” eram vistos a todo tempo. Já no caso do abate do avião da Iran Air, o enfoque das manchetes foi outro: “Porque aconteceu”; “O que deu errado no Golfo” ou “Quando coisas ruins são causadas por boas nações”. Conforme o autor (SOARES, 2006), todos os textos escritos e as imagens que os ilustravam tratavam do mesmo enquadramento: a URSS agiu de maneira planejada, enquanto os EUA não, se tratando apenas de uma inadequação da tecnologia do navio.

Segundo Soares (2006) sobre a identificação com as vítimas, “as do avião da KAL foram humanizadas nas mensagens verbais e visuais, encorajando a identificação com elas. As vítimas da Iran Air eram muito menos visíveis, sendo menos provável que evocassem simpatia, o que ajudava a tornar a reportagem mais sobre técnica” (SOARES, 2006, p.11). Isso fica claro no uso das palavras que se referiam às vítimas, sendo no primeiro caso as mais utilizadas eram palavras humanizadoras como “inocentes” e “amados” e no segundo caso termos mais neutros como “viajantes” ou “passageiros”.

Grau de generalização foi outro ponto analisado por Entman. De acordo com Soares, as notícias sobre o avião da KAL nem citam ou falam a respeito do piloto do caça ou dos militares, e sim sobre o governo soviético. Títulos como “a URSS é essencialmente o mal” eram muito comuns, enquanto no caso da Iran Air, não houve generalização envolvendo o governo norte-americano. Como destaca Soares (2006), Entman afirma que, no caso de eventos inéditos, são as interações entre fontes e jornalistas que põem em movimento o processo de enquadramento. “Nos dois casos, conclui Entman, os meios de comunicação adotaram posições que refletiam as perspectivas do governo norte-americano e diversos resultados políticos documentam o impacto político dos enquadramentos dominantes das reportagens” (SOARES, 2006, p.12).

Contudo, observando as explicações acima, acredito ser válido encerrar com o seguinte argumento de Gonçalves (2005), em que ele afirma que apesar dos mais de 20 anos de investigação que demonstram as virtudes teóricas e analíticas desta abordagem, as discussões em torno dos estudos do *framing* foram cada vez mais contributos importantes para a evolução do nosso conhecimento sobre as notícias e seus efeitos sociais. Dessa forma, o mesmo termo possui e ainda possuirá diferentes interpretações.

Para essa pesquisa, trabalhei com a teoria do enquadramento em um contexto específico: observando-o no audiovisual.

3.1 Enquadramento e audiovisual

De acordo com Paiva (2017), Nichols afirma que os documentários “abordam temas que necessitam de atenção, apresentando questões sociais e atuais, e assim firmam um vínculo sólido com o mundo histórico, pois acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social”. Dessa forma, eles são capazes de retratar temas que fogem da ficção.

Ainda segundo ela, baseando-se na análise de Nichols, existem três maneiras pelas quais os documentários podem engajar na representação do mundo:

“Em primeiro lugar, proporcionam uma representação reconhecível deste por sua capacidade de registrar os acontecimentos com fidelidade, como situações possíveis fora de um cinema. [...] Em segundo lugar, os documentários significam ou representam interesses de terceiros, seja dos sujeitos tema de suas abordagens, seja de instituições patrocinadoras. [...] Por fim, podem apresentar a defesa de uma maneira de interpretar provas, tendo uma capacidade de intervenção direta no mundo ao apresentar a natureza de um assunto, conquistando consentimento ou influenciando opiniões.” (PAIVA, 2017, p.31).

Documentário é um tipo de produto audiovisual que em muitos casos busca oferecer acesso a uma representação da realidade, construindo uma narrativa de não-ficção. Porém, independente disso, se tratam de coisas distintas, não se pode confundi-los. Um exemplo de distinção entre os dois é a interpretação que possibilitam ao telespectador. O discurso tradicional sobre o jornalismo diz que a sua prática deve prezar pela imparcialidade, e isso não é tão necessário em documentários. Neles, observa-se de forma mais evidente a subjetividade do autor, que pode expressar diretamente seu ponto de vista e se expor como defensor de uma versão dessa realidade.

De acordo com Scheufele²² (1999), segundo o paradigma do enquadramento, o jornalismo tem um poder forte e ao mesmo tempo restrito. Forte pela capacidade de construir a realidade social através da forma como as notícias apresentam os acontecimentos. Restrito frente à capacidade cognitiva dos sujeitos na interpretação do texto noticioso e à mútua interferência entre esta realidade construída e a notícia. (GADRET, 2016, p.56).

Para falar de como será feita a análise, é importante ressaltar qual a problemática envolvida no documentário. O intuito da pesquisa feita sobre a série documental “Elize Matsunaga - Era uma vez um crime”, da Netflix, é observar como a personagem Elize é retratada com o intuito de encontrar vestígios de que a intenção do documentário seria dar a ela uma oportunidade de se explicar e ser vista por alguns momentos não só como assassina, mas também como uma vítima da situação. Pretende-se explorar e analisar algumas das cenas da entrevista dada por Elize especialmente para a produção desse documentário.

Para iniciar, é necessário debater algumas questões ao redor do conceito de documentário. Diferentemente da ficção, por exemplo, o documentário não pode ser completamente roteirizado, afirmam Mombelli e Tamaim (2014, p.6) a partir de conclusões

²² SCHEUFELE, Dietram A. **Framing as a theory of media effects**. Journal of Communication, Winter, 1999.

feitas com base em Comolli. Isso porque o documentário tem o papel de tratar o mundo real e deve ser encenado não por atores, e sim por personagens sociais que vivenciaram a situação em questão. Ainda de acordo com eles, o documentário também difere do jornalismo já que este deve reescrever os fatos e representar o acontecimento a partir de um ponto de vista que será o princípio da criação.

Os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social. O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer. (NICHOLS, 2005, p.73)

Dessa forma, o documentário, conseqüentemente, transmitirá uma mensagem específica que contará a visão do seu diretor a respeito do assunto abordado. Esse ponto de vista e a maneira como ele é abordado, de acordo com Nichols, é chamado de voz do documentário. É de acordo com essa voz que as imagens e sons do filme construirão e embasarão o ponto de vista que o produtor quer passar. Entretanto, trazer vozes diferentes é uma estratégia para que a voz do documentário não exerça um tom autoritário, mas a conclusão que a obra possibilitará deve completar o argumento, causar comoção e apoiar a causa dos produtores.

Portanto, para embasar essa análise, pretende-se recorrer à teoria do enquadramento e, dessa forma, usá-la na prática ao olhar para a série documental. A teoria do enquadramento possibilita verificar a imagem, as representações construídas ao longo da produção de acordo com a busca dos pontos de seleção e destaque. A ênfase que é dada em determinado assunto, a quantidade de vezes que ele se repete, questões como trilha sonora e iluminação do filme, entre vários outros que podem ser captados na análise. É um meio para tentar identificar como a produção deixou suas marcas na construção de pontos de vista sobre os temas. Ao se tratar da análise do documentário em si, para uma melhor compreensão dos parâmetros e medidas necessárias que devem ser tomados para que um produto audiovisual seja analisado, deve-se considerar os aspectos internos e externos do filme.

“Os internos se referem aos elementos da linguagem audiovisual que darão forma ao produto, e os externos estão ligados às temporalidades. É preciso levar em conta a época que o documentário retrata, o período econômico, social, cultural em que ele é produzido, e o tempo da arte, que refere-se ao movimento do cinema ao qual os filmes fazem parte”. (MOMBELLI; TAMAIM, 2015, p. 30).

Segundo os autores, de acordo com Vanoye e Goliot, ao se tratar da análise interna, deve-se decompor os elementos que formam o filme, pois ao desunir as cenas é possível perceber materiais que não se percebe quando estão a olho nu, em um conjunto. Explicam eles que os planos, as sequências, os enquadramentos, as cenas, os ângulos, os sons e as composições de quadro devem ser desconstruídas para depois serem reconstituídas por meio da interpretação que se obterá dos elementos decompostos. Feito isso, nota-se uma facilidade no momento de analisar e interpretar o filme, entretanto deve-se tomar cuidado para que a sua interpretação não altere o contexto do filme.

Mombelli e Tamaim afirmam que os pontos de vista abordados nos documentários dizem muito sobre a intenção do produto e de quem o produziu, e a partir de Penafria (2009), afirmam que o documentário pode ser trabalhado a partir de três aspectos.

O primeiro leva em consideração o visual/sonoro. Para isso, observa-se os sons que compõem o filme, os momentos em que são ouvidos, qual a posição da câmera em relação ao objeto a ser filmado. A segunda característica é o sentido narrativo. Aqui interessa saber quem conta a história, se é um narrador onisciente, um narrador-personagem ou um narrador-observador. E o último é o sentido ideológico, que pretende verificar qual a posição/ideologia/mensagem do filme/realizador em relação ao(s) tema(s) do filme. (PENAFRIA *apud* MOMBELLI; TAMAIM, 2014, p.3).

Esses mecanismos, tanto o visual quanto o sonoro, são maneiras de trazer à tona a perspectiva do produtor, a história que ele quer contar. São formas de complementar e atribuir credibilidade ao que está sendo dito, prendendo a atenção do telespectador e fazendo com que ele se sinta comovido com a história. De acordo com Nichols (2005, p.30), “os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não poderiam; os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões”.

Nichols (2005) aponta que existem seis modos de representação que funcionam como subgêneros dos documentários: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. De acordo com ele, não é necessário que um documentário seja todo de um único subgênero, eles podem possuir características de dois, mas um sempre prevalecerá:

“Elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade” (NICHOLS, 2005, p.135).

Por essa monografia ter como objeto de estudo uma produção específica, o foco será no subgênero que prevalece no documentário em questão. O modo expositivo, que é o mais tradicional, de acordo com Nichols (2005, p.142), “agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. [...] dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história”. Dessa forma, ele reconta uma história já conhecida em que a ênfase é voltada para a narrativa verbal (no caso do documentário estudado seriam as entrevistas e opiniões dadas por pessoas que participaram de forma direta e indireta da investigação do assassinato) enquanto as imagens ficam em segundo plano, para ilustrar e sustentar o argumento.

O documentário em questão apresenta a história intercalando o ponto de vista de Elize com o dos testemunhos envolvidos, sejam eles parte da defesa ou da acusação do caso. Esses testemunhos são convidados a contar o que sabem e vivenciaram do caso Yoki e se tornam personagens sociais do documentário.

Segundo Nichols, para escrever sobre um documentário e, conseqüentemente, ser capaz de analisá-lo da maneira correta, deve-se seguir alguns passos. O primeiro deles é a preparação, onde deve-se assistir mais de uma vez aquele conteúdo a fim de absorver tudo que ele tem a oferecer. Dentro desse processo, é provável que você faça algumas perguntas acerca daquilo que está assistindo. “Essas perguntas podem ser guiadas por uma ideia específica que já tenhamos para o ensaio ou podem ser apenas introdutórias, servindo para nos dar ideias sobre o enfoque”, afirma Nichols (2005, p.210). Em seguida, é importante que você tome notas a respeito daquele conteúdo. Essas notas, de acordo com o autor, podem ser tomadas tanto na primeira vez que você assiste quanto a partir da segunda vez, o que importa é que rever essas notas diversas vezes pode ajudá-lo a fazer sua análise e fornecer material suficiente para sua crítica. O que irá compor essas notas depende do seu objetivo:

Elas podem acompanhar a cronologia das cenas que vem em primeiro lugar, em segundo, e assim por diante, os tipos de planos feitos pela câmera (com grande angular, com teleobjetiva, usando travellings, zooms, composição no quadro etc.), as técnicas de montagem (montagem em continuidade, uso de planos de ponto de vista, sobreposições comuns ou saltos no tempo e no espaço) o discurso (diálogo, comentário) ou as palavras escritas na tela (títulos, legendas, intertítulos), a técnica retórica (como o filme se faz verossímil, convincente e comovente, ou não), o modo (como o filme se baseia em um modo de representação do documentário para se

organizar, que outros modos aparecem) e outras características distintas. (NICHOLS, 2005, p.211)

Ainda seguindo o pensamento do autor, entende-se que ao tomar notas você deve ser seletivo, escolhendo o que será útil para sua pesquisa, já que é muito difícil se dedicar a todos os aspectos do filme. Esse é o momento em que deve-se escolher o que será mais interessante para colocar o seu foco, de acordo com o que você deseja. Segundo Nichols (2005, p.212), “Nesse ponto, o caminho bifurca-se. Um leva à resenha e o outro, à crítica”. De acordo com ele, para ajudar a distinguir esses pontos, deve-se pensar que uma resenha é feita para quem não viu o filme, por exemplo, o entenda. Já a crítica é feita para quem viu o filme e está prestes a ter um diálogo crítico.

Quando um ensaio começa a resumir ou descrever uma cena, é tentador continuar a resumir outras cenas também. Isso inverte as prioridades. Para a crítica, é mais importante defender uma ideia, e em seguida embasá-la com referências ao que acontece no filme, do que se referir ao filme fazendo um resumo da trama e, em seguida, acrescentar comentários críticos a esse resumo. O desenvolvimento de argumentos tem prioridade máxima. Por isso, devemos também tomar o cuidado de evitar emitir opiniões que carecem de embasamento. (NICHOLS, 2005, p.212)

A partir daí, de acordo com Nichols, deve-se reforçar suas ideias gerais, rever suas notas, pesquisar mais sobre o que você quer esclarecer, rever as cenas importantes para sua pesquisa e preparar um rascunho. Ao revisar essa escrita, deve-se observar se suas ideias fazem sentido e defendem o que você acredita. A tese deve estar bem esclarecida, documentada e organizada de forma consistente, bem fundamentada e fazendo referência às cenas que você deseja usar como embasamento. O autor afirma que a opinião pode estar presente, mas mais como uma motivação para a argumentação do que como uma resenha, e deve permitir uma interpretação do documentário reconhecendo tanto a sua forma original quanto a experiência que o escritor teve com ele.

Parte do desafio enfrentado pela história do cinema é compreender como as análises variam de acordo com a época e o lugar, conforme espectadores diferentes, com perspectivas diferentes, colocam em ação suas habilidades críticas para analisar um determinado filme. (NICHOLS, 2005, p.219).

Essas análises, entretanto, possibilitam que, um mesmo conteúdo, seja visto de muitas maneiras, de acordo com os pontos de vista pessoais originados na experiência pessoal e no contexto histórico de cada telespectador. “Existem muitos pontos de vista, e aquele que é

proposto pelo cineasta será claramente um deles, mas não será o único”, conclui Nichols (2005, p.219).

Portanto, a partir do que foi entendido e levado em consideração até aqui, percorri o caminho apresentado a seguir para chegar a uma conclusão para essa pesquisa. O primeiro passo foi analisar detalhadamente o documentário, reassistindo-o quantas vezes foram necessárias para a apreensão de sua estrutura. A partir daí, tomei nota de tudo que considero importante para a construção dele e que colocam em questão o meu ponto de partida, isto é, se o documentário tentaria passar uma imagem da Elize que, de alguma forma, faça com o telespectador fique comovido. Em terceiro lugar, selecionei algumas cenas com um contexto específico para focar nelas, já que o documentário como um todo necessitaria de uma pesquisa mais aprofundada. Para isso, separei todas as cenas em que Elize dá algum indício de arrependimento de ter matado e ameaça chorar, ou chora de fato, cenas em que ela se mostra fragilizada e com remorsos. Em seguida, essas cenas são analisadas com mais atenção observando todo o seu contexto, como por exemplo: qual cena antecede a cena analisada, o que vem depois, quantas cenas desse tipo existem no documentário, quantos minutos de cena da Elize chorando ou ameaçando chorar tem no filme como um todo, qual a trilha sonora durante essas cenas, entre outras.

Com isso, a partir das cenas selecionadas, seguindo o passo a passo indicado no capítulo, seguindo os fundamentos de Nichols, a análise foi elaborada.

4. CASO YOKI

O Caso Yoki, assim denominado pela mídia, trata-se do assassinato do herdeiro da empresa alimentícia Yoki, Marcos Matsunaga. A autora do crime foi a sua esposa, Elize Matsunaga, que deu um tiro no marido e depois o esquartejou, colocando os pedaços do seu corpo em malas para deixá-las em uma mata da cidade de Cotia, na região da grande São Paulo. Segundo Elize, o crime não havia sido premeditado e aconteceu quando o marido ameaçou separá-la da filha do casal, ao ser questionado sobre a traição que ela descobriu a partir do trabalho de um detetive particular. Elize foi condenada a 19 anos e 11 meses de prisão, mas em 2019 o Superior Tribunal de Justiça (STJ) reduziu a pena para 16 anos e 3 meses de detenção.

4.1. Elize Matsunaga - Era uma vez um crime

A história de amor que se tornou uma tragédia virou um documentário e se encontra no Netflix, aplicativo de streaming disponível por assinatura. “Elize Matsunaga - Era uma vez um crime” é uma série documental brasileira em um formato investigativo, que além de contar a história do Caso Yoki também traz a primeira entrevista de Elize Matsunaga, autora do assassinato. Acompanhando suas saidinhas da cadeia e suas visitas à família, é possível observar suas justificativas e posicionamentos a respeito do crime cometido. A sinopse da minissérie apresentada no sistema da Netflix é: “Em um crime que chocou o Brasil, Elize Matsunaga mata e esquarteja o marido. Agora, ela dá sua primeira entrevista nesta série documental que explora o caso”.

Dirigida por Eliza Capai e produzida pela Boutique Filmes, distribuída globalmente pela Netflix, a minissérie foi lançada em 8 de julho de 2021 e traz detalhes do caso contando a versão de Elize e mostrando seus pensamentos e desabafos até o fatídico dia. De acordo com uma entrevista realizada pelo *Omelete* (AMENDOLA, 2021), site de notícias e entretenimento, Eliza Capai afirma que o trabalho para conquistar a confiança de Elize e fazer com que a entrevista acontecesse foi um processo longo. Ela conta que as entrevistas ocorreram em 2019, ao longo de duas saidinhas que Elize tinha direito, porém, antes disso, ela e a fotógrafa Janice D’Avila foram até a penitenciária de Tremembé para conversar e ouvir o que Elize tinha a dizer. Ainda nessa entrevista do *Omelete*, Eliza Capai relata que a equipe chegou a gravar algumas cenas de Elize no presídio e a acompanharam em uma saída antes da entrevista em si, que demorou dois dias para ser gravada. Segundo ela, o intuito da direção era

entender o caso de uma forma muito detalhada, para que assim ficasse compreensível sua motivação para o crime, tal como suas dores e arrependimentos.

No geral, a diretora afirma que sentiu que Elize estava se preparando há muito tempo para dar alguma entrevista, e deu muita abertura para que até momentos íntimos fossem mostrados, como por exemplo seu reencontro com sua avó e sua tia. De acordo com o site Omelete, a ideia do documentário era de que ele trouxesse não só a voz de Elize, como também dos amigos e família de Marcos. Ainda no site *Omelete*, fala-se que Eliza diz na entrevista: “Isso foi muito forte e me deu um senso de responsabilidade que eu nunca havia tido como diretora, de construir uma história tão complexa como esta e permitir que as pessoas se sentissem igualmente representadas, por mais que tenham pontos de vista opostos” (AMENDOLA, 2021).

O documentário apresenta o enredo da vida de Elize desde antes do casamento até os desdobramentos do caso e do julgamento, sendo divididos em quatro episódios, com uma duração média de 50 minutos cada. Os episódios estão assim divididos:

1º episódio - Estado Civil: viúva

“Em liberdade provisória, Elize fala sobre o relacionamento complicado com Marcos, e pessoas próximas relatam as repercussões do crime.”²³ Essa é a sinopse do episódio que abre a série documental “Elize Matsunaga - Era uma vez um crime”. Nele, a equipe de gravação acompanha a primeira saída de Elize da prisão, com a presença também de sua advogada. O episódio retrata situações vivenciadas no relacionamento antes e após desconfiar das traições de Marcos, da gravidez e seus primeiros pensamentos acerca disso.

De imediato, ao dar play, se passa uma sequência do depoimento de Elize, em 2012, autorizando a gravação do interrogatório. Em seguida, é feita a pergunta que deu o nome ao episódio: o interrogador pergunta qual seu estado civil, Elize responde “viúva” e ele fala “agora, né?”. A partir disso, mostram-se imagens da Elize cabisbaixa e uma música de suspense no fundo. Em sequência, pode-se perceber que o episódio procura contar a história dos dois desde que se conheceram. Elize e testemunhas que acompanham a vida do casal falam sobre como eles começaram a se relacionar, as primeiras brigas, a descoberta da gravidez, os casos de traição, entre outros detalhes da vida dos dois. Ela conta que a gravidez

²³ **ESTADO CIVIL: VIÚVA.** In: Elize Matsunaga - Era uma vez um crime. Produção de Boutique Filmes. Direção de Eliza Capai. Brasil, 2021. 49 min. Temporada 1, episódio 1. Série exibida pela Netflix.

foi um fator que os uniu novamente, pois quando souberam ela havia acabado de descobrir de uma traição do marido e aquela novidade parecia ser tudo que eles precisavam para voltarem a ser o que eram. Elize também afirma que no começo as coisas estavam boas, mas depois de um tempo que a filha havia nascido, ela tomou conhecimento da segunda traição.

No minuto 25:09 é possível observar Elize levando as imagens feitas pelo detetive que ela havia contratado para ter a infidelidade do marido provada para a família dele. De acordo com ela, o casal havia tido uma briga quando ela o confrontou sobre o outro relacionamento, ele pegou uma mala com dinheiro e roupas e fugiu. Esse episódio também expõem bastante a relação e carinho de Elize com sua tia.

Mais pro final, sequências de Elize entrando no elevador com três malas e voltando sem elas são percebidas juntamente com outras imagens do delegado afirmando que ela já era suspeita no crime. No minuto 46:34, imagens do depoimento dado por Elize em 2012 e dos advogados chegando no tribunal passam e a voz de jornalistas lendo manchetes como: “Será que a confissão é realmente por arrependimento ou é uma estratégia da defesa para diminuir a pena?” “Crime passional como sugere a defesa ou um assassinato premeditado como vai tentar provar a promotoria?” tomam conta da cena.

Por último, em 47:39, observa-se a cena de entrevista de Elize falando que não sabe dizer que tipo de emoção fez ela apertar aquele gatilho. De acordo com ela, era uma mistura de raiva, medo e alívio por não estar louca.

Toda a história contada nessa primeira parte da minissérie tem duração de 49 minutos.

2º episódio - Uma vida de princesa

“Será que foi um assassinato premeditado? Elize fala sobre as acusações da promotoria e a análise minuciosa do motivo e da confissão do crime”²⁴, essa é a sinopse do segundo episódio que tem duração de 52 minutos. Basicamente, todo o enredo desse capítulo se resume ao julgamento em si e à pergunta: crime passional ou premeditado?

A partir de 11 segundos de vídeo, de cara ouve-se a narração: “o réu que fala a verdade não muda versão, ela falou quatro vezes a mesma coisa e provou que estava falando a verdade”. Em seguida, nas próximas sequências, é possível observar takes de especialistas falando que Elize é uma mentirosa, imagens de carros de polícia na rua, advogados falando sobre a repercussão do caso e Elize no fundo contando que sabia que seria presa em algum

²⁴ **UMA VIDA DE PRINCESA.** In: Elize Matsunaga - Era uma vez um crime. Produção de Boutique Filmes. Direção de Eliza Capai. Brasil, 2021. 52 min. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pela Netflix.

momento. Também observa-se ela contando as dificuldades da vida na prisão e algumas cenas da reconstituição do crime.

Entre diversas sequências julgando o passado de Elize como garota de programa e a chamando de interesseira, no minuto 19:10 observa-se ela na entrevista afirmando que ter as contas pagas ajuda a pessoa a sorrir, mas que não garante a felicidade, em intenção de se defender das acusações. Para completar essa sequência, passa uma imagem do advogado de defesa dela afirmando que não foi um crime feito por questões financeiras, seguida de cena de jornalista falando que é muito difícil acreditar que uma condição financeira compense o desequilíbrio emocional que um relacionamento tóxico promove para a pessoa.

Esse capítulo retrata algumas questões machistas como a família de Marcos duvidando da paternidade dele devido ao passado de Elize e pedindo teste de DNA para comprovar que a menina seria mesmo filha dele. Para finalizar, no minuto 50:30, passa-se a última sequência, que é da entrevista dada por Elize para o documentário. A fala final é a seguinte: “Nem sei dizer o que eu senti porque eu vi ele tombando e na hora parece que o mundo parou. Eu só pensava em esconder. Eu tenho que tirar ele daqui, mas como vou fazer isso? Então eu tive a infeliz ideia de cortá-lo.” Com as lágrimas escorrendo em seu rosto, termina assim.

3º episódio - A infeliz ideia de Elize

Com 49 minutos, esse capítulo tem a seguinte sinopse: “Elize conta o que estava pensando quando decidiu esquartejar o corpo de Marcos, e seu advogado explica a estratégia usada para influenciar a opinião pública”²⁵. Fala sobre as armas que existiam na casa, das saídas que os dois davam para caçar, detalhes técnicos de como Elize conseguiu realizar o esquartejamento, entre outras coisas. Nesse mesmo episódio também cogita-se a possibilidade de que Elize não teria realizado o ato sozinha, porém nada nunca foi comprovado.

A partir do minuto 2:07, a sequência exhibe a advogada de defesa falando na entrevista que o desespero de Elize por não ter a filha por perto a levou a cometer essa série de decisões equivocadas. Depois de algumas sequências de depoimentos de Elize no julgamento, no minuto 3:02 observa-se uma fala dela afirmando que só definiu o que fazer com o corpo de madrugada e que a única forma de tirá-lo de lá seria esquartejando. Algumas informações

²⁵ **A INFELIZ IDEIA DE ELIZE.** In: Elize Matsunaga - Era uma vez um crime. Produção de Boutique Filmes. Direção de Eliza Capai. Brasil, 2021. 49 min. Temporada 1, episódio 3. Série exibida pela Netflix.

acerca de uma especulação da acusação de que Elize teria esquartejado Marcos com ele ainda em vida são levadas à tona, o que ela nega.

No minuto 11:20, a advogada de defesa afirma que, por desespero, o ser humano acaba fazendo coisas impensáveis recorrendo aos recursos que ele mesmo tem. E Elize, naquele momento, fez o que ela sabia, se referindo às habilidades da ré em caçar, cortar e tirar a pele de animais. Nesse mesmo episódio, vê-se muito falar sobre as várias vezes que o casal viajava para caçar e as várias armas que eles possuíam em casa. E no minuto 21:42, Elize diz que o fácil acesso a uma arma no momento de uma briga não é bom porque a pessoa age sem pensar e se arrepende. Aproximadamente no minuto 22, a advogada concorda e afirma que com tantas armas assim o destino do casal foi traçado por eles mesmos.

Também se percebe algumas pessoas em defesa de Elize afirmando que ela não agiu e sim reagiu, já que Marcos era uma pessoa extremamente ciumenta. Se coloca em pauta a possibilidade dela ter tido um álibi, mas não foi possível provar essa teoria.

No final do episódio, a partir de 45:46, passa-se a sequência de Elize falando que não sabia responder muitas das perguntas sobre essas questões porque nem ela sabe como foi, e que não quer se lembrar. De acordo com ela, a única pessoa que, frente a frente, sentaria e contaria todos os detalhes seria a filha. Em seguida, ela afirma que não dá para falar sobre tudo e que existem segredos que as pessoas levam para o túmulo, que não seriam ditos ali em nenhum momento.

A última sequência exposta no capítulo apresenta imagens de um jornalista perguntando: “Quem é Elize Matsunaga? Uma assassina fria e cruel que matou por dinheiro, que planejou, ou uma mulher vítima de abuso psicológico que no momento de raiva matou e esquartejou o homem a quem prometeu amor eterno? Qual narrativa vai vencer?”, se referindo ao resultado do julgamento que será exibido na quarta e última parte da minissérie.

4º episódio - Os ecos do crime

“Elize fala sobre as dificuldades da infância e se lembra do último dia do julgamento, quando o juiz decretou uma sentença surpreendente”²⁶. Esse episódio inicia com a jornalista Thaís Nunes indo até Chopinzinho, no interior do Paraná, cidade natal de Elize. O intuito era conhecer melhor a autora do crime buscando ver mais de perto suas raízes. Assim, ela ouviu algumas pessoas que conheciam Elize, mas que não eram de sua família. Desse modo, surgiu

²⁶ **OS ECOS DO CRIME.** In: Elize Matsunaga - Era uma vez um crime. Produção de Boutique Filmes. Direção de Eliza Capai. Brasil, 2021. 48 min. Temporada 1, episódio 4. Série exibida pela Netflix.

uma novidade na história, de que ela teria sido abusada na adolescência pelo padrasto e, com isso, Elize fala sobre os traumas que vivenciou. Também estão presentes nessas imagens cenas da audiência e diversos cortes de Elize falando da sua filha, afirmando que essa série foi gravada para que ela pudesse assistir um dia e saber a versão da história contada por sua mãe e, quem sabe assim, pudesse perdoá-la. O epílogo tem 48 minutos.

Nesse final, muito se bate na tecla de que o assassinato não teria a mesma repercussão se não se tratasse de um herdeiro, e sim de uma pessoa pobre. Ênfase também sobre a vida de Elize em Chopinzinho, antes de se mudar para São Paulo. Mas, com certeza, o assunto mais abordado é a vontade de Elize de ver a filha e voltar a conviver com ela um dia. Também mostram-se muitos momentos de carinho entre Elize, a tia e avó, quando elas se encontraram em uma das saidinhas de Elize.

Em 42:55, passa-se uma sequência do promotor do caso falando que ela já pediu o poder familiar da filha e não conseguiu, mas que o que ela pode conquistar é o amor da filha, pois o amor não tem determinação de nada. Ele completa afirmando que Elize já está pagando pelo que fez e que o que vai fazer da vida depois disso só ela e Deus saberão.

Algumas sequências de paisagens passam enquanto Elize argumenta que não achou que o caso tomaria essa proporção, que não consegue entender toda essa curiosidade. Para finalizar, a última sequência marcante tem início aos 44:40, com Elize chorando na entrevista e dizendo que conheceu outras formas de crime na prisão muito mais bárbaros que o dela, mas ninguém fala deles porque a vítima não era uma pessoa bastarda, como ela descreve Marcos, e sim uma pessoa pobre. “Será que se tivesse sido ao contrário, por exemplo, se eu tivesse perdido a vida nessa situação e não o Marcos, ele estaria aqui falando isso? Estariam um monte de holofotes em cima dele querendo saber da vítima Elize? Quem seria eu?” finaliza ela, enquanto passam imagens aéreas de carro levando Elize de volta para a prisão após sua saída temporária.

O documentário é uma maneira diferente de contar o caso, já que nunca haviam sido citados tantos detalhes a respeito da vida dos dois e Elize nunca havia sido entrevistada antes. Não existiam novidades do caso a oferecer senão sua própria versão dele, permeada por sua história de vida, e falas que talvez pudessem justificar, aos telespectadores, a motivação para a realização do crime.

A história é conduzida de maneira discreta, já que sem nem perceber o público se vê apegado aos detalhes tristes da vida difícil que a protagonista levava, das opções que teve que fazer para tentar uma vida melhor, da família que deixou para trás na cidade natal e do marido

que, além de trair, praticava abuso psicológico ameaçando tirar a filha de perto da mãe. Esses momentos permitem que, de certa forma, ela seja vista como a mulher que precisou apertar aquele gatilho para se proteger.

Expondo diversas opiniões diferentes a respeito do caso, tanto dos profissionais da área de Direito e Comunicação que integram o enredo do documentário, quanto dos amigos e familiares que tratam de coisas sobre o casal e a história deles, o documentário consegue gerar certa tensão no público, mesmo que todos já conheçam o final da história.

5. ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO

Chegando à análise, recortamos do material algo que permitisse debatê-lo a partir do nosso interesse nos modos de enquadramento da narrativa. Com isso, separei 17 sequências dos quatro episódios da série documental em que Elize aparece chorando e/ou quase – muito emocionada com algo. Dentre os trechos selecionados, cinco estão no primeiro episódio, três no segundo, três no terceiro e seis no quarto.

De início, é importante contextualizar a escolha do choro como requisito para a seleção das cenas analisadas, explorando um pouco seu significado. De acordo com o site *Dicionário de Símbolos*²⁷, ao pesquisar por choro você encontra uma denominação para a palavra lágrima. Segundo ele, “a lágrima é símbolo da dor e da tristeza, embora muitas vezes possa ser associada aos momentos felizes” (LÁGRIMA, s/d). Ele afirma que o choro é uma forma de expressar algum sentimento, seja ele uma dor física, psicológica, raiva ou entusiasmo. Quando somos bebês e ainda não temos a fala desenvolvida, o choro serve como uma ferramenta para nos comunicarmos e expressarmos algo a alguém. Ainda segundo o mesmo site, a produção lacrimal do corpo pode ser dividida em três tipos distintos: as basais, as reflexivas e as psíquicas. “Ou seja, dependendo do motivo do choro, a lágrima tem uma estrutura distinta. Enquanto as lágrimas basais têm a função de lubrificar os olhos, as lágrimas psíquicas são as únicas a serem desencadeadas por emoções” (LÁGRIMA, s/d).

Carvalho e Cavalcante (2010, p. 287), como uma forma mais filosófica de significar esse símbolo, afirmam que as lágrimas eram consideradas por muitos a manifestação material mais primitiva do ser humano. Segundo eles, os seres humanos nascem numa extrema fragilidade e não sabem nada antes que lhes ensinem, diferentemente dos animais. Uma coisa que sabem fazer espontaneamente é chorar. Ainda de acordo com os autores: “Em específico, nos discursos médicos, filosóficos e morais do século XVII, as lágrimas podiam ser consideradas, ao mesmo tempo, sinal da tristeza sentida e remédio para a mesma, na medida em que consistem em um alívio natural das dores da alma” (2010, p.288).

Dessa forma, entende-se que o chorar faz parte das nossas vidas desde que saímos da barriga da mãe, e que é a primeira forma de se expressar que o ser humano conhece. De acordo com os autores, as lágrimas aliviam naturalmente a tristeza, porque quando se guarda e se recusa a senti-la, ela aflige mais. De outro modo, quando se bota esse sentimento para fora, a intenção da alma se dispersa e, assim, a dor interior é diminuída através do choro: é um

²⁷ Dicionário de símbolos, <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lagrima/>. Acesso em 24 de janeiro de 2024.

alívio natural que o nosso corpo fornece como resposta para a tristeza. Sendo assim, compreende-se que nem sempre o choro acontece de forma proposital e sim, também, de forma intuitiva, quando você tenta se expressar com palavras mas elas não são capazes de descrever sua emoção, e o choro surge do seu interior, espontaneamente.

Segundo Palomares (2015, p.577), baseada nos estudos de Oroz, as lágrimas que surgem em melodramas remetem a uma linguagem sentimental universal, “o choro, geralmente relacionado à mulher, alivia a culpa e traz o perdão, simbolizando o sacrifício que dignifica e a catarse em meio a tantos sentimentos, que não são contidos”. Dessa forma, podemos considerar que o choro, ao ser representado no audiovisual, é capaz de intensificar a emoção e, assim, capturar e conquistar o público.

Dando seguimento à análise, primeiramente, detalharei as cenas escolhidas, pontuando alguns aspectos e, ao final, farei as considerações a partir do que foi obtido no estudo das cenas.

1ª sequência - Bem no início do primeiro episódio, nos deparamos com a primeira cena de choro. Elize, que é filmada dentro do carro a caminho de sua casa temporária durante a primeira “saidinha” da cadeia, está com o cabelo perfeitamente alinhado, maquiagem com cores neutras e usava roupas claras. Nessa sequência é possível perceber uma conversa dela com a advogada em que demonstra interesse em saber informações a respeito de sua filha. Elize, já com os olhos cheios de lágrimas, pergunta se a advogada sabe da menina, e ela responde que não, mas que vai procurar saber durante a semana. Em seguida, a advogada pergunta se ela sabe que a filha está com os avós, e ela afirma que sim, enquanto segue com os olhos marejados e com o papel secando o rosto. Depois disso, entra uma sequência de Elize com roupas pretas em um local bastante iluminado se sentando para dar entrevista para o documentário. “Agora é a sua hora de contar a sua história para sua filha, é só você ser verdadeira, falar a sua verdade e pronto, sem ficar tensa. Hoje é um dia bom”, afirma o entrevistador com intenção de acalmar Elize, que aparenta estar bem nervosa enquanto seca as lágrimas e uma mulher retoca sua maquiagem. Ela faz um “em nome do pai” e inicia a entrevista falando que respeita a opinião das pessoas e que sabe que ao mesmo tempo que tem pessoas que a abominam, tem pessoas que a entendem. “Olha minha filha, eu tentei fazer diferente. Eu tentei não errar, mas eu não consegui”, afirma. Ainda com o rosto molhado, essa é a última interação dela com o telespectador durante essa cena. Logo depois, o vídeo muda para as câmeras de segurança do elevador e mostra Marcos descendo para buscar a pizza minutos antes de morrer.

2ª sequência - Algumas imagens dos advogados de Elize falando que lembram de quando ela estava na faculdade são transmitidas e antecedem a cena analisada agora. No minuto 17:46 vê-se mais uma parte dessa entrevista que ela deu, em que relata o nascimento da filha e se emociona ao relembrar da reação de Marcos ao descobrir que seria pai. De acordo com ela, ele chorou e se ajoelhou pedindo desculpas pelos erros e afirmando que não a trairia mais. Em seguida, com uma música de fundo bem tranquila, é possível perceber uma imagem dela com a filha e o reverendo amigo da família no dia que ela nasceu. O que narra essa parte é a voz dele falando que o momento mais bonito que ele já viu entre o casal foi esse, na maternidade, e que foi um dos poucos em que viu os dois sorrindo intensamente.

3ª sequência - Dessa vez, o que vem antes da sequência em questão, são falas do delegado do caso contando das roupas de grife encontradas na mata e que quando eles viram isso, já sabiam que seria um caso de grande repercussão. De acordo com ele, se tratava de um crime de ódio e quem cometeu sabia o que estava fazendo, já que eram cortes muito precisos. Com imagens de uma linha do tempo na tela, o minuto 30:50 passa para Elize quando desceu do carro de sua advogada na sua primeira saidinha (novamente com roupas brancas, cabelo alinhado, maquiagem clara e olhos marejados) em 2019, chegando na moradia que ficou durante sua saída temporária da cadeia. Lá, ela se emociona, encontrando novamente a tia que cumpria na sua vida um papel de mãe, já que esta havia falecido. É possível perceber nessas imagens, Elize pedindo desculpas para a tia e agradecendo por não ter desistido dela. Nesse mesmo quadro, passam-se imagens da advogada contando que a tia mensalmente visitava Elize na prisão, e a sobrinha se emociona ao dizer que só conseguia ver amor nos atos da tia. No minuto 32:11, a tia afirma que, nessa saidinha, só queria que Elize aproveitasse todo o tempo que elas tinham para ficarem juntas. Logo após, no minuto 32:24, imagens de Elize tomando banho chorando e pensativa são levadas à tona, seguidas de imagens dela sentada na cama sozinha no escuro, somente com a luz do abajur acesa. Enquanto tudo isso passa, no fundo é possível perceber uma música bem calma tocando.

4ª sequência - Depois de mostrar o delegado contando como foi a investigação e da equipe revendo as imagens do elevador e percebendo que não havia nenhuma imagem de Marcos saindo do prédio, chegamos na 4ª sequência analisada. A partir de 42:08, Elize conta de quando estava visitando a família e descobriu a traição de Marcos. De acordo com ela, ficou três noites sem dormir e disse à avó que tinha que ir embora. Entra uma sequência dela na entrevista dada para o documentário com o rosto e o colo do peito molhados de lágrimas enquanto revelava que a avó tinha pedido que ela ficasse. Em seguida, em 43:00, é possível

observar cenas de Marcos, Elize, a filha e a babá entrando no elevador após elas chegarem do Paraná. Essas imagens passam enquanto ouve-se de fundo a narração de manchete de um jornalista na época do crime. Pode-se notar mais uma vez ela com o rosto molhado de lágrimas nas entrevistas. Depois dessas sequências chorando, as imagens alternam para o delegado tratando do desdobramento do caso e de como conseguiu localizar Elize no local do crime na hora certa.

5ª sequência - Essa sequência mostra Elize lembrando da noite fatídica e de quando foi falar com Marcos sobre sua descoberta, de forma que reveza entre imagens da própria entrevista com Elize e imagens do casal antes do crime. As imagens que o detetive fez de Marcos com a amante antecedem o minuto 44:50, que é o foco agora. A cena é de Elize chorando e contando que Marcos, além de negar a traição, ainda a colocava numa situação de culpa, fazendo-a se questionar se realmente estava louca. De acordo com ela, nesse momento ela foi até o móvel na sala e pegou a arma dela. “Atira sua fraca. Atira ou some daqui e vai pro Paraná com sua família de bosta, mas deixa minha filha aqui”, foram as palavras de Marcos, de acordo com Elize, naquele momento. Depois disso, prossegue com imagens dela com as malas entrando no elevador e do momento em que o delegado informou a ela que seria indicada pelo crime. Em seguida, é possível observar o advogado falando que ela ligou pedindo que ele fosse para a casa dela porque a polícia estava lá com um mandado de busca. Para finalizar este bloco, imagens de Elize chegando na delegacia rodeada de jornalistas enquanto a narração é de uma manchete jornalística da época noticiando que a suspeita do crime havia chegado a delegacia.

As sequências abaixo se referem a cenas do 2º episódio da série documental.

6ª sequência - O segundo episódio, como o exemplo que darei em seguida, faz questão de intercalar cenas que colocam Elize para baixo com sequências que a defendem. No minuto 5:30, imagens do depoimento dado, ao confessar, são exibidas e percebe-se que ela estava chorando bastante. Após isso, é possível perceber o promotor mencionando incoerências na fala de Elize e que ela foi acusada por homicídio triplamente qualificado.

7ª sequência - Antecedendo a sequência analisada agora, vê-se a tia de Elize falando que quando estava ouvindo rádio ou vendo televisão, por exemplo, e passava alguma coisa sobre a sobrinha, ela mudava de estação ou canal, pois não queria que a avó visse a neta sendo tratada daquela forma. No minuto 32:52, começam a ser feitas a Elize perguntas na entrevista sobre a sua vida como garota de programa. E a partir de 33:40, existe uma sequência de Elize com os olhos marejados, falando que vergonha e orgulho não enchem barriga, e que a única

alternativa que ela encontrou para ganhar dinheiro na época foi a prostituição. Após essa cena, algumas imagens da infância de Elize enquanto ela e a avó contam algumas histórias são passadas. No minuto 34:54, Elize fala do sonho de fazer faculdade e sair do interior, e que a única maneira de alcançar esse objetivo naquele momento era essa.

8ª sequência - Para finalizar, no minuto 50:30 passa-se a última sequência do episódio, que é da entrevista dada por Elize para o documentário. A fala final é a seguinte: “Nem sei dizer o que eu senti porque eu vi ele tombando e na hora parece que o mundo parou. Eu só pensava em esconder. Eu tenho que tirar ele daqui, mas como vou fazer isso? Então eu tive a infeliz ideia de cortá-lo.” Com as lágrimas escorrendo em seu rosto, o episódio termina.

As próximas três sequências citadas abaixo fazem parte do 3º episódio.

9ª sequência - Algumas imagens do promotor e advogados alegando que Elize era má são mostradas. Em seguida, no tempo de 0:43, está posta a reconstituição da cena do crime e Elize comentando que na hora que viu o rastro de sangue de Marcos percebeu que era a culpada. De acordo com ela, que chorava ao fazer essa afirmação, sentia que estava desesperada e não sabia o que fazer. Depois disso, se vê Elize na acusação com o cabelo amarrado, sem maquiagem sendo entrevistada.

10ª sequência - Neste trecho, é possível perceber algumas imagens de Elize chorando e secando as lágrimas durante a entrevista, juntamente com novas imagens da reconstituição e dela arrastando o corpo do boneco que estaria representando Marcos pela casa. No minuto 2:07, a sequência é da advogada de defesa ponderando na entrevista que o desespero de Elize por não ter a filha por perto a levou a cometer essa série de decisões equivocadas. Depois de alguns depoimentos de Elize no julgamento, no minuto 3:02 observa-se uma cena dela contando que só definiu o que fazer com o corpo de madrugada, quando percebeu que a única forma de o tirar de lá seria esquartejando. Nesse momento, ela é mostrada limpando as lágrimas com um papel. Logo depois, em 3:41, em mais trechos da reconstituição, com um vídeo dela sentada no sofá respondendo às perguntas do delegado e pedindo para fazer uma pausa.

11ª sequência - Nesse segmento, aparece uma linha do tempo levando a história para o ano de 2016, no julgamento. No minuto 33:18, exibem-se imagens do tribunal e Elize sendo questionada se no momento em que cortava o corpo de Marcos ela sentia ódio. Ela começa a chorar e não consegue responder. Logo depois, ouve-se uma narração de uma reportagem

jornalística da época que dizia que Elize passou mal no momento em que as fotos do corpo de Marcos foram exibidas e pediu para sair da sala. Com mais imagens desse dia, no minuto 33:49, a advogada alega que qualquer mãe desesperada faria a mesma coisa que Elize fez.

As próximas seis sequências se referem ao quarto e último episódio.

12ª sequência - Essa cena tem início no minuto 6:08, com imagens da cidade de Chopinzinho passando e Elize dizendo ao fundo que a situação que viveu com o padrasto não deseja para mulher nenhuma. Em seguida, ela dá detalhes dos abusos sexuais que sofria com o padrasto entrando no banheiro atrás dela, observando ela tomar banho pela janela até que chegou ao ponto de agarrá-la. Mais imagens da cidade são mostradas juntamente com fatos estatísticos de violência contra a mulher no Brasil. Em 9:37, passa-se a advogada cível falando que Elize não tinha ninguém pra desabafar sobre aquilo e foi guardando toda aquela dor.

13ª sequência - No minuto 10:52, em prantos, Elize conta que depois de ter sido abusada fugiu de casa sem saber para onde ir, foi perseguida na estrada, dormiu no mato, até que encontrou um senhor que a abrigou e alimentou, e depois chamou o conselho tutelar. Segundo ela, ficou 45 dias fora de casa, até que retornou e foi morar com a tia. No minuto 14:20, Elize narra que cresceu sem uma figura paterna e que não queria que a filha passasse por isso, e que isso influenciou muito ela a manter o casamento mesmo não estando mais feliz. Em seguida, no 15:41, a advogada afirma que Elize sofria abuso psicológico, emocional e que era evidente que no relacionamento dos dois não havia diálogo, somente submissão.

14ª sequência - No minuto 27:50, imagens do reverendo amigo do casal relatando que foi visitá-la uma vez na prisão e que ela chorava muito ao falar da filha. Em 28:04, são exibidas imagens de Elize em lágrimas e falando que possui uma ligação espiritual com a filha e que sabe que a verá novamente. De acordo com ela, não será fácil, mas esse é o seu próximo objetivo.

15ª sequência - Em 36:01, Elize afirma não saber o que o futuro reserva para elas, mas que tem fé de que as duas conseguirão se encontrar novamente. Em 36:30, outras imagens de Elize em prantos enquanto fala que queria muito poder dizer para a filha que se sente culpada pelo que fez todos os dias, e pede para que ela consiga vencer isso e perdoá-la, mas que respeitará sua decisão. Em seguida, ela se emociona ao contar o sonho que teve com a filha, imaginando como ela estaria hoje e afirmando que criou uma imagem na cabeça com o que lembrava, já que não sabe como a filha realmente está.

16ª sequência - No minuto 39:50, Elize está no quarto de hotel esperando a tia e a avó chegarem. Quando elas se encontram, fica muito emocionada, e diz que rezou muito durante esses anos para que tivesse a oportunidade de reencontrar a avó mais uma vez na vida. Depois de muitas imagens delas tirando foto e passando um tempo juntas, a avó vai embora.

17ª sequência - A última sequência dessa seleção contém algumas paisagens em sucessão enquanto Elize, em off, comenta que não achou que o caso tomaria essa proporção toda, que não consegue entender toda essa curiosidade. Para finalizar, a última cena marcante tem início aos 44:40, com ela chorando na entrevista e dizendo: “Será que se tivesse sido ao contrário, por exemplo, se eu tivesse perdido a vida nessa situação e não o Marcos, ele estaria aqui falando isso? Estariam um monte de holofotes em cima dele querendo saber da vítima Elize? Quem seria eu?” finaliza ela, enquanto aparecem imagens aéreas do carro a levando de volta para a prisão após sua saída temporária. Essa é a última cena da série.

Depois de detalhar e rever todas essas sequências selecionadas, farei agora algumas considerações sobre o que foi encontrado na análise. A série documental não passa apenas o lado de Elize. Eles fazem questão de intercalar cenas que a tratam como culpada, com cenas que a consideram como vítima para balancear os episódios. Porém, mesmo assim, consigo perceber uma tendência maior a um desses lados. Como? As cenas que caminham mais no sentido de tomar Elize como culpada são mais técnicas, com uma abordagem mais distante do público e que chamam menos atenção. Ao comparar uma cena de Elize chorando, sendo defendida pela sua advogada ou falando da filha, por exemplo, com uma cena do delegado falando termos técnicos a respeito do caso, é indiscutível qual chama mais atenção e prende mais o olhar do telespectador, já que um leigo escutando os termos técnicos pode não entender muito bem o que está sendo dito. Já as cenas da Elize, graças aos recursos dramáticos, a trilha sonora, o choro e a edição, é capaz de prender mais o público.

É possível dividir essas cenas de Elize chorando em três subgrupos: ao lembrar de seu passado, quando era abusada pelo padrasto; ao tratar do relacionamento tóxico e grosserias que escutava de Marcos; e ao falar da filha. Basicamente, todas as cenas analisadas se encaixam em um desses três subgrupos.

Agora, vamos falar separadamente de cada um desses três subgrupos e o que pude perceber com cada um deles. As imagens que falam do passado de Elize com o padrasto, fazem parte do terceiro episódio, e é um tópico muito citado nele. Como não gerar comoção com uma mulher chorando e contando que desde criança/adolescente era abusada pelo

padrasto que entrava no banheiro atrás dela e a espiava tomando banho? Esse assunto é muito sério e é vivenciado por milhares de mulheres diariamente. Dessa forma, é possível conectar Elize com essas outras mulheres que compartilham do mesmo sofrimento. Elize, que não aceitou essa situação e saiu da casa da mãe e do padrasto, pode sim, nesse sentido, servir de inspiração para outras mulheres.

Dessa forma, vamos analisar o segundo subgrupo. Os índices de violência doméstica existentes no Brasil indicam que uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas. Quantas mulheres sofreram menos ou mais que Elize, seja por violência física ou psicológica, em seus casamentos e relacionamentos afetivos? Muitas dessas mulheres, inclusive, foram mortas por esses companheiros. Isso também não é capaz de causar comoção no público que assiste? “Marido ameaça internar mulher”, “Marido ameaça separar mãe da filha”, “Marido ameaça matar esposa” e “Marido bate em esposa” não poderiam ser manchetes jornalísticas que, se mostradas antes do crime, colocariam Elize numa posição de vítima e talvez amenizasse a culpa que é colocada em cima dela pelo assassinato?

Lembrando que, em momento nenhum, ao citar esses subgrupos tenho a intenção de desmerecer a dor e situações que Elize vivenciou. Essa dor foi real mas, como foi citada na série, também sinto a necessidade de tratá-la aqui.

E agora, o último subgrupo. Vocês imaginam dor maior para uma mãe do que não poder ver a filha que tanto ama e quer estar perto? Quantas mães se sensibilizam com esse tópico? Com certeza muitas. A mãe que ama e chora ao falar da filha que quer conhecer, que quer se aproximar e não tem a oportunidade, não causa nenhuma comoção em você? E se esse assunto for abordado diversas vezes nos quatro episódios? E se em todas essas vezes tem lágrimas envolvidas?

Para melhor exemplificar tudo que foi dito acima, escolhi entre as cenas analisadas anteriormente uma para ser analisada com mais minúcia. A cena 15, presente no quarto e último episódio da minissérie, e que tem início a partir do minuto 36, muito se difere da maioria das cenas, que tem como foco Marcos e o crime em si, já que dessa vez, ela se pega falando da filha. A cena anterior a essa analisada é de um amigo de Marcos falando o quanto essa história do assassinato vai perseguir a filha do casal durante toda a vida, e o quanto ela vai ter que explicar para outras pessoas que entrarão na vida dela e certamente terão curiosidade a respeito de seus pais. Quando ele finaliza sua fala, uma música bem serena entra ao fundo juntamente com imagens de um quarto de criança bem iluminado e Elize começa a falar pausadamente enquanto dá alguns suspiros. Além disso, ela fala muito de Deus e de

Nossa Senhora que também é mãe, essa é a frase utilizada por ela. Enquanto toda essa mensagem de Elize lamentando a falta da filha na sua vida é transmitida, apresentam-se imagens dela na igreja acendendo uma vela enquanto reza e chora bastante.

Nessa mensagem, ela reforça o quanto se sente culpada pelo que fez e o quanto gostaria de falar isso para a filha e receber o perdão dela. Em lágrimas ela afirma que o seu desejo é de que a filha consiga vencer isso, mas que se não conseguir, ela irá respeitá-la. Para finalizar, conta da felicidade que teve na prisão ao sonhar com a filha, como ela estaria agora. A cena chega ao fim com a seguinte fala de Elize emocionada, contando como a filha se parecia no sonho: “Com o cabelo comprido, negro, como o do pai dela. O olho é puxadinho, ela ria muito e estava no meu peito. Eu nunca senti tanta paz na minha vida como nos momentos em que eu segurava ela nos braços. A imagem que eu tenho dela é dessa forma ainda, eu não sei como ela está.”

Essa sequência, assim como as outras, se enquadra na seleção de cenas em que Elize aparece chorando. Porém, a observo com uma intenção de tocar o coração do telespectador ainda maior do que nas outras cenas desta seleção. Isso porque uma mãe falar da filha emociona mais do que ver uma esposa falar do marido. Uma mãe que ama e que por um erro cometido não tem sequer a chance de ver uma foto da filha para saber como ela é hoje. Uma mãe que tem como únicas lembranças da aparência da filha imagens de quando ela ainda não tinha nem um ano de vida completo. Uma mãe que supostamente ama tanto que foi capaz de cometer um crime contra o próprio marido para se defender e não ser separada do seu bebê. Uma mãe que, naquele momento, estava atrás das grades por conta desse crime e, sendo assim, teria que usar da imaginação para tentar prever como essa criança estaria na atualidade.

Então, após analisar essas cenas e voltando um pouco no capítulo 4, que fala sobre o enquadramento midiático, relembro Porto ao mencionar que Entman afirma que o enquadrar significa selecionar algum elemento e torná-lo mais saliente em um texto, com o intuito de favorecer uma sugestão de abordagem para o assunto em questão. Dessa forma, entendemos que esses enquadramentos podem ser construídos de diferentes maneiras, sejam por palavras, metáforas, ironias, símbolos, entre outros. De acordo com Débora Gadret, baseada nos

estudos de Renita Coleman e Stephen Banning (2006²⁸, 2010²⁹), os pesquisadores analisam o papel das emoções do público, por meio da dimensão visual. Esse enquadramento afetivo das notícias, deve considerar as expressões faciais e os gestos das pessoas, que têm relação direta com o tipo de emoção que será provocado nos telespectadores.

Sendo assim, o entendimento feito a partir de um documentário, como é o caso da minissérie analisada por exemplo, pode se dar de acordo com a tendenciosidade das perguntas feitas em uma entrevista, ou até mesmo através das roupas utilizadas, como a pessoa se expressa e das emoções transmitidas pela cena. Não seriam, então, as diversas imagens de Elize chorando elementos fundamentais para construir o enquadramento desejado?

Desse modo, retorno às questões citadas na introdução que compõem os interesses de pesquisa. Em algum momento do documentário é possível perceber e julgar Elize como uma vítima da situação? Sim, em inúmeros momentos principalmente ao se tratar da relação tóxica e violenta que ela tinha com o Marcos. Em quantas sequências Elize aparece chorando? Em 17 sequências que foram expostas e explicadas acima. Era mesmo necessário mostrar tantas imagens em que ela estivesse tão fragilizada? Se a intenção do documentário era fazer a Elize vítima prevalecer sobre a Elize assassina, sim, era uma alternativa. O documentário tende a aproximar o espectador da vítima e o fazer sentir pena de Elize? Sim, mostrando que Elize sofreu muita violência assim como milhares de mulheres sofrem diariamente.

A seguir, irei expor as afirmações que posso fazer acerca do que assisti, estudei e entendi no decorrer da pesquisa. Como foi citado anteriormente, não é contado apenas um dos lados da história. Mas a Elize vítima de violência verbal, a Elize que foi estuprada quando criança e a Elize mãe chamam mais atenção do que a Elize assassina. Que ela matou o marido, todo mundo que assistiu a série já sabia. Os detalhes expostos por jornalistas e pelos advogados, você encontra em inúmeros sites na internet. Mas essa Elize que chora e que conta detalhes da vida antes e depois de conhecer Marcos, que tem medo, que sofre separada da filha, foi vista pela primeira vez pelo telespectador da Netflix. As roupas claras, cabelos alinhados, maquiagens ‘neutras’ e bem feitas, músicas calmas, ambientes iluminados, tudo isso completam essas cenas da Elize contando da vida e chorando. As sequências que vêm

²⁸ COLEMAN, Renita; BANNING, Stephen. **Network TV news’ affective framing of the presidential candidates**: evidence for a second-level agenda-setting effect through visual framing. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, Sage, n. 2, v.83,2006.

²⁹ COLEMAN, Renita. Framing the pictures in our heads: exploring the framing and agenda-setting effects of visual images. In: D'ANGELO, Paul; KUYPERS, Jim A. (Org.). **Doing news framing analysis**: empirical and theoretical perspectives. New York: Routledge, 2010.

antes e depois das cenas de Elize chorando, em sua maioria feitas por imagens dos advogados de defesa e da família da vítima, completam a composição da ideia. Tudo isso faz parte da construção desse personagem.

Caso contrário, porque Elize toparia participar de uma entrevista que só a retrataria como culpada? Porque ela iria querer que sua filha a visse dessa forma? Afinal, ela faz questão de dizer em diversas cenas que só quis participar da série documental para poder contar à sua filha o seu lado da história. Faz sentido, então, que, neste caso, a Elize como vítima da história sobressaia à Elize vilã?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os estudos feitos para embasar o texto, posso afirmar que a teoria do enquadramento permite olhar para quase tudo que assistimos no dia a dia. Os planos de um documentário, os zooms que são dados no rosto de quem está falando, a iluminação, seja bem ou mal feita, ou a trilha sonora, tudo isso está colocado dessa forma por alguma razão, produzindo um determinado efeito na abordagem do tema. As construções não se mostram aleatórias.

Com o documentário estudado, não seria diferente. As diversas cenas de Elize com maquiagens e roupas claras, o rosto iluminado, a trilha sonora calma no fundo e, principalmente, as cenas de choro ou que indicavam que ela estava triste e arrependida, foram adicionadas à série por algum motivo.

Se o diretor do documentário fosse, por exemplo, algum amigo ou alguém da família de Marcos, que não suporta Elize e que fez a série com a intenção de passá-la como o monstro que eles a enxergam, por exemplo, existiriam ali tantas cenas comoventes? Como cenas comoventes, quero apontar as cenas da tia e avó de Elize falando dela, das histórias que contavam sobre o quão violento era Marcos, a história do padrasto que a abusava quando criança e tantas cenas dela chorando e se julgando arrependida e triste com o acontecimento.

Se o intuito fosse acusá-la, não fariam questão de colocar tantas cenas assim, afinal, não faz sentido você querer contar a história triste da vida de uma pessoa que você só quer condenar, certo? Porque transmitir imagens da Elize chorando ao lembrar de Marcos ou falar da filha, se a ideia principal da série fosse mostrar a Elize que todo mundo já conhecia? Essas histórias não seriam necessárias nesse caso. E, no documentário, por mais que as cenas alternem falas da acusação e da defesa, as da defesa chamam muito mais atenção e têm muito mais ênfase, já que são muito mais comoventes. Essas sequências de tristeza são capazes de aproximar o telespectador e fazer com que ele, nem que seja por um minuto sequer, se pegue pensando no sofrimento que aquela pessoa passou e fique com dó.

Portanto, de acordo com os conhecimentos obtidos a respeito do enquadramento, acredito sim que o documentário passa uma nova versão de Elize e tenta reverter um pouco a situação. Para mim, eles se preocuparam muito mais em deixá-la mais humana, como uma pessoa que sofria e estava se defendendo, do que como alguém cruel que premeditou tudo aquilo e o fez porque era má.

Nesse caso, a série documental se mostrou bastante interessada em mostrar a Elize como uma pessoa que também foi vítima e que, hoje, está arrependida do que fez. E, se esse não fosse o intuito, acho difícil acreditar que Elize aceitasse participar. Afinal, essa foi a sua primeira entrevista que, de acordo com ela, foi feita para poder contar à sua filha sua versão da história. Dessa forma, será que ela aceitaria participar de um documentário que tendesse mais a criticá-la do que, de certa forma, defendê-la mostrando tantos detalhes tristes da sua vida?

7. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino**. 2000. 266f; Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Curso de Doutorado em Sociologia, Fortaleza (CE), 2000.
- AMENDOLA, Beatriz. Como foi feita a entrevista de Elize Matsunaga para o documentário da Netflix. **Omelete**, 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/netflix/elize-netflix-doc-bastidores>. Acesso em: 26 de out de 2022.
- ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, n.18, p.85-99, 2009.
- BARBOSA, Deise Araujo. A influência da mídia nos processos judiciais criminais. **Revista Acadêmica Escola Superior do Ministério Público do Ceará**. Ceará, vol.11, n.2, p. 1-8, dez de 2019.
- CARBONE, Filipe. Netflix lidera streaming no Brasil com mais de 50 milhões. **Mundo Conectado**, 2023. Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/streaming/netflix-lidera-streaming-no-brasil-com-mais-de-50-milhoes-de-assinantes/>
- CARDOSO, Carolina. Mas o que é gênero, afinal? Parte 1. **Fundação Verde Hebert Daniel**, 2023. Disponível em: <https://fundacaoverde.org.br/mas-o-que-e-genero-afinal-parte-1/>
- CARVALHAES, Flávia. F.; TONELI, Maria Juracy F.; MANSANO, Sonia Regina V. Mulheres no crime: análise sobre enunciados difundidos pela mídia brasileira. **Psicologia e Sociedade**, 30, 1-10. doi: 10.1590/1807-0310/2018v30187397.
- CARVALHO DA SILVA, Paulo José; CAVALCANTE, Melina B. R. Das lágrimas às palavras: manifestações do *pathos* segundo a medicina da alma moderna. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 283-295, jun. 2010.
- FRANÇA, Marlene H. O. Gênero e criminalidade: o protagonismo feminino às avessas? **CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n.32, p. 237-263, 2020.
- GADRET, Débora Lapa. **A emoção na reportagem de televisão**: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. 2016, 189f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- GALVÃO, Julia. Pesquisa mostra que o Brasil tem terceira maior população carcerária feminina do mundo. **Jornal da USP**, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/pesquisa-mostra-que-o-brasil-tem-terceira-maior-populacao-carceraria-feminina-do-mundo/>
- GONÇALVES, Telmo. A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. **Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura**, n. 5/6, Lisboa, 2005.
- LÁGRIMA. In: **DICIONÁRIO de símbolos**. 7 Graus, s/d. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lagrima/>. Acesso em 24/1/2024.
- MELLO, Carla Gomes de. Mídia e crime: liberdade de informação jornalística e presunção de inocência. **Revista de Direito Público**, vol.5 n.2. Londrina, 2010.

- MOMBELLI, Neli. F.; TOMAIM, Cássio D. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, v. 8, n. 2, 2015.
- NICHOLS, Bill. **Introdução do documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- PAIVA, Gabriela Pandeló. Imagens da liderança de Hugo Chávez em documentários. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, vol.8, n.2, 2017.
- PALOMARES, Thais Maria. Rubí e o Melodrama: A questão do estereótipo feminino na telenovela mexicana. **Anais do VI SAPPIL – Estudos de Literatura**, UFF, no 1, 2015.
- PORTO, Mauro P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p.73-104.
- SILVA, Francisca Luciana Sousa da. Amor ou loucura? Eu e o outro, por Medeia, de Eurípedes, e Elize Matsunaga. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 3, n.1, p. 24-34, jul. 2013.
- SILVA, Mariana Fernandes da. **Como a mídia retrata casos de mulheres que cometem crimes graves: um estudo dos casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugolini**. 2017, 164p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2017.
- SOARES, Murilo C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Tradução de Ivone Benedetti. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- VIEIRA, Ana Lúcia Menezes. **Processo penal e mídia**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.